

RESUMO

O objetivo desta dissertação consiste em analisar a prática pedagógica dos professores que atuam, especificamente, na Educação Infantil a fim de verificar se os mesmos reproduzem ou não o padrão heteronormativo enraizado na sociedade apontado neste trabalho como práticas sexistas. Segue a linha de natureza qualitativa e exploratória / observatório; a pesquisa explora o contexto histórico-social da Educação Infantil. Na primeira seção propõe ao leitor o conhecimento abrangente da inicialização da construção da Educação Infantil, seu contexto histórico-social, suas mudanças no decorrer das décadas, seus marcos e, ainda, quem são os professores que atuam na Educação Infantil no Brasil. Na segunda seção dar-se-á enfoque às diferenças sobre sexualidade e sexo, bem como este conceito foi difundido no passado e quão importante ele é no mundo contemporâneo para que possamos nos apropriar posteriormente das práticas sexistas na Educação Infantil. Na terceira seção far-se-á uma abordagem definindo o que são práticas sexistas, como surgiram, quais são as mais utilizadas na Educação Infantil e seu surgimento ao longo da história. A Educação Infantil, primeira etapa da formação de um agente social, é também uma fase importante para a formação de cultura e, nesta fase, muitas práticas sexistas são disseminadas pela escola reforçando os modelos padrões da sociedade heteronormativa. As crianças desde cedo têm contato com uma pedagogia do insulto, em brincadeiras, jogos, recreações entre outros. Desta maneira professores, inconscientemente, acabam disseminando preconceitos internalizados na sua visão de mundo às crianças da Educação Infantil. Algumas práticas sexistas observadas na Educação Infantil são os crachás, na qual o azul é de exclusividade para os meninos e o rosa para as meninas, além das brincadeiras de recreação que alguns profissionais atuantes determinam que tais brinquedos só podem ser manuseadas por meninos ou, meninas, pois, existe sempre o clichê: “estes brinquedos são de meninas”, “estes carrinhos são para os meninos”, podendo dificultar a tomada de decisão das crianças no momento de sua imaginação/transformação do seu mundo. Já na quarta seção será feita a análise de dados bem como uma discussão do que dizem outros autores sobre a mesma temática e, para finalizar na quinta seção contamos com as considerações finais. Para atingir os objetivos propostos fiz uso de explorações no universo infantil através de observações dos educadores da Rede Municipal de uma cidade do interior paulista. Pautado com aportes teóricos de cunho Bourdieusiano e linha Foucaultiana para as interpretações e análises, pude verificar como resultado de pesquisa que as práticas pedagógicas de alguns docentes no espaço escolar infantil podem reforçar estereótipos construídos historicamente nas relações sociais. A escola estando dentro de uma sociedade que determina os padrões heteronormativo reproduz práticas sexistas e pode trabalhar a favor das mesmas ou banir os preconceitos e discriminações. Em suma, defendo a ideia de uma educação transformadora e neutra de todas as práticas sexistas impostas historicamente, porém para que isso aconteça é, necessário uma mudança de mentalidade que está além da reformulação dos currículos, mas no próprio ser humano. É preciso também que a sociedade brasileira engajada para romper com a ideologia de gênero e as práticas sexistas por meio da defesa de uma educação inclusiva, plural, justa, democrática e republicana cuja construção só se fará por meio de uma Educação crítica e reflexiva que esteja, de fato, comprometida com valores antixistas e antiandrocêntrica. Algumas das contribuições deste trabalho para a sociedade, podemos destacar: a temática que ainda por inúmeras razões é pouco mencionada e explorada no meio científico bem como a reflexão que possa nortear os novos currículos dos cursos de pedagogia fomentando uma formação continuada de nossos educadores atuantes.

Palavras-chave: Educação Infantil. Práticas sexistas. Sexualidade.